

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
Cinema Experimental Português: O Cinema dos Artistas, Anos 60 e 70  
Programa Ana Hatherly – 1  
6 de Novembro de 2025

## THE THOUGHT FOX / 1974

**Realização:** Ana Hatherly / **Poema:** Ted Hughes / **Produção:** London Film School (Reino Unido) / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa, digital, falada em inglês, sem legendas / **Duração:** 1 minuto / Primeira exibição na Cinemateca.

## “FRAGMENTOS DE ANIMAÇÃO” / 1974

**Realização:** Ana Hatherly / **Produção:** London Film School (Reino Unido) / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa resultante de preservação realizada em 2004 a partir de cópias depositadas por Ana Hatherly, 35mm, cor, sem som / **Duração:** 1 minuto / **Primeira exibição na Cinemateca:** 26 de Julho de 2013, Sessão Ana Hatherly.

## SOPRO / 1974

**Realização:** Ana Hatherly / **Produção:** London Film School (Reino Unido) / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa resultante de preservação realizada em 2004 a partir de cópia depositada por Ana Hatherly, 35mm, cor, sem som / **Duração:** 1 minuto / **Primeira exibição na Cinemateca:** 26 de Julho de 2013, Sessão Ana Hatherly.

## “5 EXERCÍCIOS DE ANIMAÇÃO” / 1974

**Realização:** Ana Hatherly / **Produção:** London Film School (Reino Unido) / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa resultante de preservação realizada em 2004 a partir de cópia depositada por Ana Hatherly, 16mm, cor, sem som / **Duração:** 3 minutos / **Primeira exibição na Cinemateca:** 26 de Julho de 2013, Sessão Ana Hatherly.

## C.S.S. / 1974

**Realização:** Ana Hatherly / **Produção:** London Film School (Reino Unido) / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa resultante de preservação realizada em 2004 a partir de cópias depositadas por Ana Hatherly, 16mm, cor, som / **Duração:** 2 minutos / **Primeira exibição na Cinemateca:** Julho de 1981, Ciclo “Cinema à Margem”,

## SOPRO / 1974

**Realização:** Ana Hatherly / **Produção:** London Film School (Reino Unido) / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa resultante de preservação realizada em 2004 a partir de cópia depositada por Ana Hatherly, 35mm, cor, sem som / **Duração:** 1 minuto / **Primeira exibição na Cinemateca:** 26 de Julho de 2013, Sessão Ana Hatherly.

## REVOLUÇÃO / 1975-2001

**Realização, Fotografia e Produção:** Ana Hatherly / **Direcção de Som:** Alexandre Gonçalves / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa, digital, originalmente filmado em Super 8mm, cor, som / **Duração:** 11 minutos / **Primeira exibição na Cinemateca:** Abril de 1984, Ciclo “25 de Abril, Imagens”.

## DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – I / 1976-2009

**Realização e Montagem:** Ana Hatherly / **Comentário:** J. Dias de Deus / **Direcção de Som (1976):** Alexandre Gonçalves / **Sonoroplastia desta versão de 2009:** Vítor Milhanas / **Montagem da versão de 2009:** Luís Alves de Matos, Ana Hatherly / **Produtor:** António Malheiro Dias / **Colaboração:** Cinequipa / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa, digital, preto e branco, som / **Duração:** 16 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

## DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – II / 1976-2009

**Realização e Montagem:** Ana Hatherly / **Comentário:** J. Dias de Deus / **Direcção de Som (1976):** Alexandre Gonçalves / **Sonoplastia da versão de 2009:** Vítor Milhanas / **Montagem da versão de 2009:** Luís Alves de Matos / **Produção:** Direcção Geral da Educação Permanente (Ministério da Educação) / **Produtor:** António Malheiro Dias / **Colaboração:** Cinequipa / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa, digital, preto e branco, som / **Duração:** 12 minutos / **Primeira exibição na Cinemateca:** 26 de Julho de 2013, Sessão Ana Hatherly.

## ROTURA / 1977

**Realização e Produção:** Ana Hatherly / **Fotografia:** José Luís Carvalhosa / **Cópia:** digital, preto e branco, som / **Duração:** 6 minutos / Filme apoiado pelo IPC / **Primeira exibição na Cinemateca:** 26 de Julho de 2013, Sessão Ana Hatherly.

*filmes de Ana Hatherly*

*Duração total da projeção: 54 minutos*

*com a presença de Isabel Carlos*

Ana Hatherly descrevia-se frequentemente a si própria como uma criadora em permanente derivação: uma escritora que derivou para as artes visuais através de uma experimentação constante com a palavra, e uma pintora que derivou para a literatura através dessa mesma experimentação. Elemento activo do grupo da Poesia Experimental Portuguesa dos anos 60, autora e tradutora de inúmeras obras literárias que atravessam a poesia visual, o romance ou o ensaio, pintora, investigadora no domínio da literatura barroca, Ana Hatherly desenvolveu desde o final da década de 50 um intenso e multifacetado trabalho criativo que, partindo da escrita, se materializa no desenho, na pintura, ou mesmo na *performance*, assim dissolvendo fronteiras.

Os primeiros dez minutos desta sessão correspondem a um raríssimo conjunto de filmes realizados por Ana Hatherly em 1974 e produzidos pela International London Film School, na qual em meados dos anos 70 Hatherly prosseguiu uma especialização no domínio da animação, depois de uma licenciatura em cinema. Tratam-se de filmes manifestamente exploratórios que evocam a experimentação constante que atravessou toda a obra de Ana Hatherly que, estendendo-se aos mais variados domínios e suportes, inclui assim o próprio cinema. Em Julho de 2013, numa longa conversa que tivemos centrada sobre o seu trabalho cinematográfico e que precedeu uma sessão que esta replica e que organizámos em conjunto (a excepção é **The Thought Fox**, cuja cópia na altura não pudemos mostrar) Ana Hatherly associava a sua opção pelo estudo e prática do cinema durante a década de 70 a uma necessidade de ruptura e de vontade de fazer algo de novo que, de algum modo, acompanhasse uma ruptura verificada na esfera da sua vida privada. À data, já era vastíssimo o seu trabalho nos domínios da literatura e das artes visuais, mas esta incursão pelo cinema revela-se como um real reflexo do espírito aberto que sempre presidiu a toda uma obra.

Os seus filmes de animação são trabalhos no limite da figuração e da abstracção que aproveitam plenamente a capacidade metamorfoseadora do cinema. Nos primeiros exercícios, letras caligrafadas dão origem a objectos desenhados e juntam-se a outras letras, por vezes formando palavras, que se escrevem ao mesmo tempo que se desfazem. Através do movimento do cinema Hatherly confere dinamismo à escrita, que frequentemente se transforma em desenho, assim evocando os mecanismos dos seus trabalhos em papel. É significativo o momento em que, num destes exercícios iniciais, um conjunto de linhas verticais se converte na expressão “Spaghetti time”, ou quando o vermelho que invade o ecrã dá lugar à referência ao “Tomato time”. E se, quando refere estas experiências na animação, Hatherly menciona frequentemente Norman McLaren e o seu desejo inicial de prosseguir um trabalho mais consistente no National Film Board, no Canadá, a simplicidade e o humor destes pequenos filmes, aproximam-na sobretudo de um dos outros grandes mestres da animação como Robert Breer.

Seguindo-se a estes curtos exercícios, **C.S.S.** é já um trabalho que convoca múltiplas técnicas, estruturando-se em três partes. Cada letra corresponderá a uma secção: C – Cut-outs, S – Silk e S – Sand. As formas geométricas da primeira parte (Cut) evocam explicitamente Mondrian, como o já fazia um autoretrato de Hatherly de 1971, que anuncia o “constraste entre Mondrian e o mundo mítico-mágico das ‘Tisanas’”. Esses mesmos contrastes são convocados quando os “Cut” contrastam necessariamente com “Sand”, as experiências mais abstractas com a animação de areia. **“Fragmentos de Animação”** e **Sopro** (em cujo cartão inicial aparece 57-AN-39, o número de aluna de Hatherly na London Film School) partilham as técnicas dos filmes anteriores, aproximando-se por vezes de um expressionismo abstracto, particularmente

manifesto quando a tela se enche de ritmo e de cor. Todos eles são pequenos filmes fascinantes que, em conjunto e na relação com o trabalho pictórico da artista, apontam para o que poderia ter acontecido caso Ana Hatherly tivesse prosseguido a sua exploração do domínio da animação.

Originalmente filmado em Super 8mm e posteriormente ampliado para 16mm, **Revolução** estreou na Bienal de Veneza de 1976. A sonorização coube a Alexandre Gonçalves, que assim iniciou uma colaboração com Hatherly, que se estendeu aos filmes seguintes. Em 2001 Hatherly alterou a banda sonora do filme no sentido da sua depuração, sendo essa a versão que tem sido mostrada nos últimos anos e que veremos hoje. **Revolução** é um filme excepcional que revela como a concepção lúdica da criação por parte de Hatherly se desenvolve simultaneamente com uma dimensão ética e com uma dimensão política extraordinárias, assim se prolongando a todos os domínios. Como escreveu no prefácio do livro *Um calculador de improbabilidades*, “O experimentador, como experenciador, aproxima a arte da vida, assumindo a responsabilidade de uma subversão da ordem estabelecida, pela qual a criatividade se torna gesto revolucionário.” **Revolução** é um trabalho eminentemente revolucionário que assim se junta a outras explorações artísticas de Hatherly, como os seus famosos cartazes “As Ruas de Lisboa” (1977), em que Hatherly rasgava e roubava restos de cartazes das paredes das ruas da capital, ao mesmo tempo que os registava para o filme. Na nossa conversa de 2013 Hatherly referia que todo este processo – o filme e os cartazes – correspondia a uma vontade de dar voz ao povo que, no caso do Portugal revolucionário, se tornava particularmente urgente, dado um silenciamento associado a muitos anos de ditadura, que então se exprimia em palavras de ordem pintadas nas paredes da cidade. Curiosamente, não obstante a sua especificidade, os *Neograffitis* pintados por Hatherly já nos anos 2000 participam desta atracção pela arte de expressão urbana.

O mesmo “dar voz ao povo” é explicitamente enunciado nas duas partes do diptico **Diga-me, o que é a Ciência?**, filmes encomendados pela Direcção Geral da Educação Permanente que Hatherly concebeu como objectos extremamente singulares. Ambos partem de duas perguntas insistentes formuladas voz da própria Hatherly, cujo corpo se esconde atrás da câmara que carrega ao ombro: “o que é a ciência?”; “o que é a técnica?”. Em alternativa ao dirigismo da voz off, tão presente em tantos filmes desse período revolucionário, que assim procuravam evitar que se perdesse a “mensagem”, Hatherly trabalha quase exclusivamente ao nível dos depoimentos captados em directo, com os quais dialoga de modo exemplar. É impressionante como, particularmente entre os campeses, estes resistem na resposta, evocando que quem deve responder é a interlocutora. Hatherly obstina-se e insiste e, com frequência, as respostas são verdadeiramente prodigiosas. É o caso de uma das mulheres que mostra as mãos, filmadas com insistência pela realizadora. Imagens fortes e raras no cinema português.

**Rotura** é exemplificativo de uma postura experimentalista em que o processo não se distingue da obra. Esta é a própria acepção da prática performativa e **Rotura** é simultaneamente uma *performance* que Hatherly realizou na Galeria Quadrum em Lisboa em 1977 e este filme que a regista. O filme mostra o confronto da artista com grandes suportes de papel, os quais são rasgados e fendas de modo enérgico, o que se traduz fortemente na intensidade do som. **Rotura** integra assim plenamente a componente revolucionária dos filmes anteriores e o seu desejo violento de mudança, que aqui se estende necessariamente ao campo da arte. Conhecendo duas versões, a mais recente data de 2007 e, à semelhança do que aconteceu com **Revolução**, resultou sobretudo de um desejo de transfiguração sonora e de uma rejeição de tudo o que era supérfluo, mas a sua versão mais longa duração e esse trabalho de som contribui para uma maior densidade face à primeira (veremos esta versão amanhã). A economia e o rigor são duas componentes essenciais do trabalho de Hatherly, e foi esse mesmo rigor que ditou o seu regresso a tão admiráveis filmes tantos anos depois, cujos resultados podemos agora mostrar e comparar.

Joana Ascensão